

## SEIS MESES DE LAMA

# A PAISAGEM MUDOU, MAS PROBLEMAS PERSISTEM

## Cidades ao longo do Rio Doce sofrem os efeitos do desastre

✎ **CARLA SÁ**

carla.sa@redgazeta.com.br

Visitando o Norte e o Noroeste do Estado, quem vê o Rio Doce hoje pode pensar que tudo voltou ao normal. Há cerca de 20 dias, a água perdeu a coloração alaranjada que havia ganhado com a chegada da lama de rejeitos da Samarco, seis meses atrás, após o estouro da barragem de Fundão, em Mariana (MG). A aparência de normalidade na paisagem, entretanto, esconde não só a lama que está no fundo da água, mas todos os problemas que são enfrentados pelas cidades que estão à beira do Rio Doce desde o desastre.

Em novembro passado, as cidades de Baixo Guandu, Colatina e Linhares, por onde o rio passa no Espírito Santo, viveram dias de caos. O desespero inicial passou, mas os 50 milhões de metros cúbicos de lama que desceram pelo Doce comprometeram a vida das comunidades por tempo indeterminado - talvez para sempre.

Meio ano depois, análises ainda parciais sobre os efeitos no meio ambiente e uma população que se sente mal informada, nossa reportagem seguiu o curso do Rio Doce no Espírito Santo para saber como estão as comunidades e contar a história das pessoas atingidas pelos efeitos do desastre, como foi feito quando a tragédia completou seu primeiro mês. O resultado, você confere nos próximos dias em



BERNARDO COUTINHO



CARLOS ALBERTO SILVA - 03/12/2015

**Rio perdeu a coloração alaranjada. Diferença é visível entre foto atual (acima) e registro de dezembro (ao lado): lama está no fundo da água**

poderão pescar novamente, a resposta é sempre a mesma: “não sei, como saber?”, acompanhada de uma levantada de ombros e expressão triste e sem esperança nos olhos.

Por sinal, a pesca está proibida pela Justiça Federal apenas na foz do Rio Doce, mas não há pescador que confie. “Tem que fiscalizar esse rio e não deixar ninguém pescar ali. Vai pegar pescado para vender e enve-

nenar alguém?”, diz o pescador Adroaldo Gonçalves, 58 anos, de Baixo Guandu.

Enquanto isso, as tarrafas e barcos apodrecem parados e os pescadores se viram com bicos e com o benefício dado pela Samarco - um salário mínimo, mais 20% e uma cesta básica - para sobreviver.

### DESCONFIANÇA

Em Colatina, a população continua desconfiando da água do Rio Doce que chega às torneiras e está sendo tratada pelo Serviço Colatinense de Meio Ambiente e Saneamento Ambiental (Sanear) ainda com Tanfloc, o coagulante potente feito com acácia negra que começou a ser utilizado após a chegada da lama.

Caminhões de venda de água mineral estão espalhados pela cidade vendendo galões de 20 litros a preço de R\$ 6 a R\$ 10. “Sou abordado muitas vezes na rua, as pessoas perguntam sobre usar a água para cozinhar. Essa desconfiança ainda é muito forte”, admite o prefeito da cidade, Leonardo Deptulski.

A 55 km do centro de Linhares, a comunidade da vila de Regência está perdida. Com o desastre no rio que chega ao mar por ali, lhes foi tirado seu lazer e a fonte de trabalho. “Era nosso ganha-pão e diversão trazer a família e vir tomar banho. Agora não dá para pescar e não tem mais turismo”, desabafa a marisqueira Gislayne de Almeida Soares, 25 anos.

A GAZETA, até 5 de maio, quinta, quando completam-se exatos seis meses do rompimento da barragem.

O que ficou perceptível, é que os mesmos problemas continuam assombrando as comunidades, que transformaram suas in-

certezas em desesperança. Muitas perguntas que eram feitas quando o desastre estava recente, ainda estão valendo: quando poderão voltar a pescar e utilizar a água do rio? Qual o real efeito dos elementos químicos no meio ambiente?

Quando perguntados se voltarão a beber da água do rio ou a utilizá-la para irrigação ou se imaginam que

### RELEMBRE O DESASTRE E O CAMINHO DA LAMA



**1 BARRAGEM ROMPIDA**  
Em 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão rompeu em Mariana (MG), soterrando o distrito de Bento Rodrigues.



**2 RIO DOCE ATINGIDO**  
A lama atingiu o Rio Doce, e o Serviço Geológico do Brasil previu que os rejeitos de minério chegariam ao Espírito Santo.



**3 ESPERA NA PONTE**  
Em 17 de novembro, a lama chegou a Baixo Guandu, e a população foi até uma ponte acompanhar a mudança de cor da água.



BERNARDO COUTINHO



**Vestígios da lama**  
Em Mascarenhas, Baixo Guandu, o fluxo baixo de água, por conta da seca, revelou um imenso banco de areia e pedras. As piscinas naturais entre elas ainda guardam vestígios da lama alaranjada vinda da barragem da Samarco.

“A água do rio começou a ‘limpar’, mas no fundo tem a lama, que causou tudo isso. Agora estamos aqui, com redes ressecando e barcos estragando sem uso”

—  
**ADROALDO GONÇALVES**  
PESCADOR, 58 ANOS

# Lama no rio: prejuízo para todos

BERNARDO COUTINHO

**Agricultores, pescadores e comerciantes não conseguem nem mesmo calcular suas perdas**

Com a chegada dos rejeitos de minério, três toneladas de peixe foram recolhidos mortos só no Espírito Santo, pescadores ficaram sem seu sustento, agricultores não puderam mais fazer sua irrigação e dar de beber ao gado, ribeirinhos deixaram de fazer do rio sua área de lazer e muitos ficaram sem água potável. Os prejuízos, financeiros, além dos emocionais, são “incalculáveis”.

Isso é o que dizem todos que são perguntados sobre o assunto. “Tirava de R\$ 4 mil a R\$ 5 mil por mês e agora tenho que sustentar a família com o benefício dado pela Samarco”, diz o agricultor Wellington Fontes Gomes, 41 anos, de Regência.

Ele perdeu parte de sua plantação de milho, bana-



**Cultivo interrompido**

A propriedade de Wellington, do lado do Rio Doce, em Regência, foi tomada pela lama. A inundação alcançou mais de um metro e comprometeu a produção.

“Irigava minhas plantações com a água do Rio Doce. Com a chegada da lama, tive de parar a produção”

—  
**WELLINGTON FONTES GOMES** AGRICULTOR, 41

na e hortaliças por usar a água do Rio Doce para irrigar, com medo de contaminação. “A lama veio e parou a produção. Não tem como saber quanto perdi”, lamenta.

O mesmo passaram pes-

cadores que não conseguiram mais vender seus peixes, pescados antes do desastre. “Ninguém mais quis comprar”, diz a pescadora Monique Rodrigues, 29, que vive em Baixo Guandu.

Em Regência, point dos

surfistas, turista tornou-se raridade. Já em Colatina, donos de restaurantes e lanchonetes não utilizam a água tratada pelo Saneapar para fazer a comida, também temendo a contaminação. Eles têm que arcar com água

mineral ou buscar o recurso potável em outro local.

**SECA**

Além da lama, passado o choque inicial com o desastre do rompimento da barragem e da inundação dos rejeitos de minério, volta à tona outra preocupação nessas cidades: a seca. Não choveu quase nada na temporada de chuva e, apesar da água mais limpa, o Rio Doce está repleto de enormes bancos de areia e com seu fluxo mirrado.

Em Mascarenhas, Baixo Guandu, o rio que já preencheu um vale inteiro com água, agora corre ocupando nem um quarto do espaço, deixando à mostra uma “praia” de pedras.

**LEIA AMANHÃ**

A série “Seis meses de lama” traz amanhã informações sobre como estão os moradores de Baixo Guandu.

**DEPOIMENTO**

“A TRISTEZA DEU LUGAR À FALTA DE ESPERANÇA”

**Carla Sá**  
Repórter

“Quando o desastre do rompimento da barragem em Mariana completou seu primeiro mês, em dezembro, fiz o percurso da lama no Estado para reportar a situação. Cinco meses depois, as angústias e preocupações pouco mudaram. Mas a tristeza que era latente deu lugar à falta de esperança. Os ribeirinhos estão perdidos sem saber o que acontecerá de suas vidas, que sempre estiveram costuradas ao Rio Doce.”



**4 SEM ABASTECIMENTO**

Em Colatina, o abastecimento de água foi suspenso e o Exército ajudou na distribuição de água após a chegada dos rejeitos, no dia 18 de novembro.



**5 BOIAS DE PROTEÇÃO**

A foz do Rio Doce e o mar de Regência, em Linhares, ficaram tomados de lama em 21 de novembro. Boias foram colocadas na tentativa de proteger o estuário.



**6 MANCHA NO MAR**

No mar, os rejeitos formaram uma mancha alaranjada que chegou a se estender por uma área de mais de 6 mil quilômetros quadrados.